

C.M.B.
BibliotecaC. M. B.
BIBLIOTECA

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES PARA TRABALHADORES

DA TEBE

Director Honorário: MÁRIO CAMPOS HENRIQUES

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro. 39 - R/c

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director e Administrador ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

Um capítulo novo na vida cultural de BARCELOS

JÁ há muito tempo que tentava escrever alguma coisa que traduzisse, em síntese, a função social e cultural das bibliotecas. Porém, a falta de tempo e a falta de método, aliados ao pequeno engenho de bem escrever, impediram-me que trouxesse para este periódico matéria relevante.

Só muito ao correr da pena e sem frases de efeito, venho, publicamente, afirmar que as bibliotecas merecem dos municípios todo o carinho espiritual, aliado, de certo modo e em profundidade, ao material.

A divulgação dos seus códigos, a notícia de elementos bibliográficos de interesse regional e até o intercâmbio desses elementos com outros de várias bibliotecas, constituem, na vida dum aglomerado com preocupações sociais, uma função cuidada e inteligente de tentativas intelectuais a considerar.

Soube que o Município de Barcelos se propõe activar a faceta mais significativa da sua essencialidade cultural: a Biblioteca.

A renovação de algum mobiliário já corroído pelo bicho, o reapetrechamento literário de obras novas e uma série de pe-

PRIMAVERA

Surgiram flores silvestres nas estradas...

...E os troncos nus vestiram-se de cor...

A seiva corre em ondas de esplendor

nas seculares raízes renovadas...

A terra exulta, entranhas fecundadas...

...E as rosas se orvalharam de frescor...

As folhas estremeçam ao sabor

da brisa leve como mãos de fadas...

...E tudo cheira a doce Primavera!...

Asas roçando o azul pálido e brando,

zumbir de abelhas, sol, pólen doirado...

...Ó juventude eterna! Ó vã quimera

em nossas vidas sempre remoçando

as ilusões rasgadas no passado!!!...

Luanda, 1958

Maria Bernadete Pontes

quenas coisas bem propícias a convidar o leitor e o estudioso serão, em breve, uma grande realidade.

Depois de tudo inventariado e catalogado, pode o leitor encontrar no ambiente da Biblioteca os elementos de cultura e distracção para o espírito, tan-

tas vezes deserto porque nada existia que o povoasse.

Temos a convicção plena que a função cultural da biblioteca atingirá o seu nível num futuro bem próximo.

O. M.

Exposição do Pintor FRANCISCO MAIA

NO desejo de criar no ambiente artístico de Barcelos um cunho de melhor e maior compreensão das artes plásticas ousamos colher algumas breves impressões do artista Francisco Maia que veio expor a Barcelos, na Torre de Menagem, alguns dos seus quadros, que são, naturalmente, a razão de ser de toda uma essencialidade artística.

Desejamos, portanto, colher as impressões do pintor e, ao mesmo tempo, gostamos de inserir nestas colunas algumas das suas concepções artísticas, alguns dos seus planos e o mundo dos seus anseios; numa palavra, desejamos enquadrar a sua personalidade artística através das várias razões que o impeliram a legitimar e a engrandecer toda a sua arte, vencendo, sabe Deus como, o turbilhão das incompreensões do mundo e, principalmente do mundo burguês.

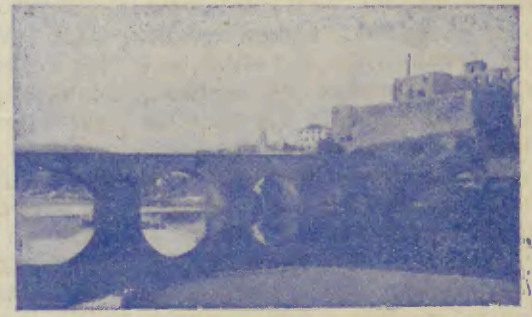
Evidentemente que não vamos, em maré alta de retórica, tecer ou negar elogios, mas tão somente fazer uma singela entrevista que, se não terá o valor de uma apreciação integral, terá, pelo menos, a ressonância de realçar a expressão cultural na plenitude da divulgação artística.

Todos sabem que a influência das escolas estrangeiras



BARCELOS — Jardim das Barrocas

O folclore dum região compreende todas as canções, danças, trajes, etc., que, cultivados ou mantidos no seio do povo, perduram até aos nossos dias, através dos anos como expressões próprias do sentir de uma raça.



BARCELOS — Ponte sobre o Cávado

Fábrica de Malhas TEBE

A fábrica de malhas TEBE, situada na privilegiada região minhota de Barcelos, constitui, hoje, na valorização da economia nacional um contributo apreciável na manutenção de muitas centenas de lares.

O seu aglomerado fabril, composto na maior parte de gente filha de Barcelos, bem merece um carinho especial de todos os bons barcelenses.

Os seus artigos, confeccionados por um equipamento moderno da melhor maquinaria e acabados por mãos femininas, são símbolos do bom gosto e da perfeição.

Lembramos a todas as senhoras distintas que os NYLONS TEBE caminham seguros da sua perfeição porque, confeccionados com tons encantadores e distintos, são suaves, cómodos e indiscutivelmente belos.

A fábrica de malhas TEBE, é o padrão altíssimo dos nylons da senhora exigente.

As combinações, parures, camisas de noite TEBE são belas, cómodas, inigualáveis... eis as razões que levam a mulher moderna a preferi-las.

Além dos artigos de nylon, a TEBE fabrica também em algodão e seda com a certeza de bem servir.

PREFERIR TEBE É SABER PREFERIR!!!

TEBE! Um nome na economia Nacional

trouxeram vicissitudes às limitadas possibilidades de um escol que ainda vive preso ao restrito e ao limitado enquadramento das formas e dos volumes e até às perspectivas da fotografia.

A pintura moderna não é obra de loucos. A pintura moderna interpreta a própria vida num mundo que se esquece que a arte é um fenómeno altamente infiltrado no sangue e na alma do artista, que vê e observa esse mesmo mundo numa época em que as suas possibilidades de comunicação lhe são diminuídas.

Mário Dionísio na sua obra «A Paleta e o Mundo» refere-se nestes termos à compreensão e à negação da arte moderna:

«A arte moderna, porém, principalmente a pintura moderna, por mais que se tenha despercebidamente infiltrado na vida de todos nós, é atacada de todos os lados com a mesma senha, mas com razões perfeitamente opostas. O que suspen- de qualquer conclusão imediata».

E mais adiante, o mesmo autor, expressa-se desta maneira:

«Quem nos diz que obras tão profundamente pessoais como as de Cézanne, Gauguin, Van Gog, serão vistas do futuro, serão consideradas na história, que só num futuro afastado se poderá objectivamente escrever, tão formalmente inconciliáveis, tão independentes como em geral são vistas hoje?»

A meu ver, não tenho dúvidas em acreditar, que a história da pintura moderna tem naturalmente de ser desenvolvida com a divulgação dos próprios qua-

dro, que formarão o seu conteúdo básico no valor informativo dos que olham e gostam de compreender.

É necessário, portanto, que haja uma protecção gradual a todos os artistas, embora até com limitadas possibilidades, para merecerem dos investigadores e dos críticos a verdadeira e judiciosa análise.

Dizer mal ou dizer bem — ou não dizer nada — é negar ao simbolismo da arte as suas próprias vicissitudes.

Pierre Francastel, um dos que ultrapassou as suas próprias tentativas, criando uma séria estética, vergasta a «história anedótica sem piedade»: «A história humana» diz ele, «é a dos acontecimentos e não a das intenções. Da mesma forma, a história das artes é a das obras e não a dos homens».

Portanto, hoje, nesta secular Torre de Menagem, assistimos a uma exposição que mostra através do branco, do preto, do vermelho e de toda a beleza da paleta, a própria alma dum artista. Vamos ouvi-lo, será ele que se abrirá, desta vez, deixando nestas colunas todo o seu pensar e todo o seu sentir.

— Diga-nos: Tem encontrado compreensão e acolhimento para seus quadros? O seu valor como pintor não me é desconhecido. Foi-me grato observar a sua pequena grande tela «réstea de sol» na casa do meu Ex.^{mo} Amigo Snr. Dr. Domingos de Figueiredo, que ficou encantado ao vê-la na exposição na Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães.

O carácter intrínseco da sua obra já mereceu dos críticos alguns comentários sérios?

As Louças de Barcelos

V

Os Hidrocerames

AS excelsas qualidades do nosso barro plástico ferruginoso micáceo já conhecidas para a conservação da água fresca, permitiram criar aqui uma classe de louças à parte — os Hidrocerames.

Com efeito, foram aparecendo fábricas dedicadas exclusivamente a este fabrico, ou com secções especiais para ele, e cremos não exagerar se afirmarmos que foram do mais perfeito que se fabricou no nosso País! Nesta especialidade, a nossa indústria atingiu um desenvolvimento notório e uma perfeição como

não encontramos nas suas congéneres, apesar de gozarem de mais fama. Charles Lepierre escreveu que, «esta louça, obtida com uma argila de qualidades e aparências superiores à de Estremoz, chegará a fazer a esta uma séria concorrência». Assim foi na verdade. As nossas fábricas prosperaram e os seus produtos hidrocerâmicos (moringues, canecas, gomis, garrafas com copo e garrafas com tampa e barris com tampa e torneira) eram trabalhos dignos dos prémios que conquistaram e das menções honrosas que receberam.

(Continua na página 5)

— Sim. Felizmente tenho vendido todos os quadros nas diferentes terras onde tenho exposto.

Já vários críticos se referiram à minha obra, bem como a rádio e a televisão.

— Em sua opinião, acha que além das tintas o sentimento executa maravilhas?

— Certamente que o sentimento é o imperativo comum de todos os artistas. Eis a razão porque pinto.

— A sua vida interior consubstancia-se ou não com os grandes conjuntos? Por exemplo, gostaria de pintar um motivo da feira de Barcelos?

— Gostaria imenso de pintar vários dos encantadores motivos da feira de Barcelos, sem favor, uma das mais típicas do País. Porém, o tempo nem sempre me sobra.

— Encontra dificuldades em espalhar os tons nas suas telas?

— Nunca tive dificuldade em combinar as cores.

— Sente prazer voluptuoso quando pinta? Ou pinta quando sente esse prazer?

— Sinto a paixão de pintar como um imperativo interior. Pintar sempre e toda a vida, é a minha maior aspiração.

— Admite, em arte, nomeadamente em pintura, a preocupação do pormenor?

— De modo nenhum. A pintura nunca deve ser uma fotografia; mas a interpretação de cada pintor, isto é, o pintor terá de pintar com os pinceis e com a sensibilidade.

— Através do mundo da pintura, quem é ou quem foi o Pintor que mais impressionou a sua sensibilidade? Porquê?

— José Malhoa. Pintou o povo anónimo e é, na minha opinião, o nosso maior impressionista.

— Gosta de pintar o que vê, ou só pinta o que vê sentindo? Fale-nos dos seus quadros.

— Só gosto de pintar o que me emociona.

Dos meus quadros não poderia largar-me em longas considerações por uma questão de modéstia, porém na minha vida de artista há um; um estudo da cabeça dum velhinho e que impressionou a minha vida, e com mágoa me desfiz dele, pois foi adquirido.

— Compreende e sente a pintura de Picasso? Ou entende que só apenas alguns especialistas, ou artistas insinceros a compreenderão?

E os intelectuais snobes não serão os causadores da não explicação e da desistência parcial de certos críticos de fugirem ao estudo do inovador?

— Eu não compreendo Picasso como toda a gente o conhece. Mas sei que Picasso foi um bom clássico. As possibilidades dele são bem manifestas no retrato «Minha mãe».

— Eu penso que cada artista, como cada poeta, músico, escultor, etc... deve individualizar-se em arte; mas sem se afastar do interesse colectivo, quer dizer sem «impedir a liberdade de todos e a justiça para todos». É da mesma opinião?

— O artista tem de se manifestar ele mesmo no próprio mundo que realiza, quer dizer no próprio quadro que pinta.

— Diga-me, sinceramente, encontrou em Barcelos pelo menos alguma compreensão dos seus trabalhos?

Observou senso crítico nos comentários?

Não acha que Barcelos tem um cociente de análise de certo modo desenvolvido?

— Absolutamente. Quanto às possibilidades monetárias ainda não me posso pronunciar. Poucas terras da província têm uma elite como Barcelos.



Dirigida por Waldemar Esteves

ADMITE-SE FALHAR O PENALTIE?

Por FERNANDO RANITO

UM dia destes, um «técnico de ouvido», daqueles que tiraram o curso através dos relatos radiofónicos das partidas de oquei em patins,—um de entre as centenas que há para aí,—saiu-se com esta, dirigindo-se a nós:—«Oiça lá! Porque é que hoje em dia se falham penalties em série, e no tempo dos Correias, não se falhava um?»

Perante tão fantasiosa pergunta confessamos que não atinamos logo com a resposta. E o «técnico» em questão aproveitou-se disso para fechar as suas considerações com esta frase dogmática:—«Sim, meu amigo, porque naquela ocasião jogava-se muito mais do que hoje! Só aqueles resultados! É que nem havia adversários para nós!... Etc., Etc., Etc....»

Enfim, conceitos «profundos», como estão a ver.

Ora nós não gastaríamos tempo a repetir coisas destas, se elas não representassem a maneira de pensar de muitos dos «bem intencionados», mas infelizmente «mal influenciados...»

E o que haverá de verdade nestas duas afirmações?

Nada numa, e pouco noutra.

Vejamos, por exemplo, a história do penalty.

Se as balizas não diminuíram de tamanho, e se as bolas não aumentaram, como poderíamos admitir, como conceito lógico, que hoje em dia se marcam menos penalties?

Por os jogadores de hoje serem piores que os de ontem? Não, e porque um bom marcador de penalties—se é que os há, em verdade—não tem de ser um elemento de técnica perfeita; é tudo uma questão de geito.

Então onde está o gato?

Muito simples: na pergunta.

Quer dizer, a pergunta é que não tem cabimento por duas razões: primeiro por que não cremos que hoje se note tal falha nos penalties, e segundo, por que se na verdade isso se desse, a razão não estaria na pior técnica do executante, mas sim na melhoria técnica dos guarda-redes. Isso sim. Na verdade, actualmente, os guarda-redes têm uma maneira de se colocar e de defender que torna mais difícil a conversão da grande penalidade. Antigamente este elemento era um acrobata que resolvia as situações de apuro com um salto aparatoso e com um pontapé acrobático, como, por exemplo, o Emídio ou

(Continua na página 4)

Noticiário

Parabéns, Laurentinos

É já do conhecimento geral a vitória dos oquistas Moçambicanos em Montreux, nós nada mais podemos referir-nos ao acontecimento, do que com esta modesta saudação. Sendo o nosso jornal uma publicação mensal, todos os assuntos (ou quase) que procuremos tratar, perdem actualidade e por isso interesse. Entretanto não podíamos deixar em claro facto de tão grande transcendência, no Oquei Nacional.

Parabéns, Moçambique. Parabéns atletas, de quem todos os Portugueses esperam a subida a uma projecção que vínhamos a perder, no oquei internacional.

Felicidades, Raio

ANTÓNIO RAILO, o popular jogador Sintrense dispensa apresentações. Conhecido mundialmente e admirado, cotou-se muitos anos como exemplar atleta e grande praticante do oquei em patins.

António Raio despediu-se, mas a modalidade ainda espera dele, se não puder como praticante por certo que os conhecimentos e a longa prática ficarão ao dispor do oquei e do Sintra, clube que sempre representou e que muito lhe deve.

Daqui lhe desejamos sinceramente Felicidades na sua vida e que o seu exemplo seja uma constante directriz para os novos, porque quem conseguir aproximar-se do seu valor, como atleta e como praticante, tem que ser grande.

O ciclismo nacional de luto

CORREU célere a notícia da morte do grande e popular ciclista Ribeiro da Silva.

Propagou-se e rapidamente o desgosto de todos os desportistas aflorou ao rosto, mais do que um ciclista, a morte roubou um rapaz novo, pujante esperança do ciclismo nacional. Esperança? Não, um real valor, pois a sua actuação na Espanha e na França, cotaram-no grande entre os grandes.

Nada mais podemos fazer do que deste modesto jornal, apresentar os mais sentidos pêsames à família, ao Académico e ao Ciclismo Nacional.

W. E.

Associação de P. do Minho

Recebemos a circular n.º 2/58, da qual publicaremos o seguinte:

Corpos Gerentes — Na relação inserta na Circular n.º 1/58, foi omitido, por lapso, o seguinte cargo; na Direcção: Secretário Adjunto, Gabriel da Silva Campos.

Inscrição de Clubes — Filiaram-se nesta Associação os seguintes clubes: Académico Basket Clube, Clube Desportivo da TEBE, Famalicense Atlético Clube, Oquei Clube de Barcelos, Sport Clube Vianense e Turismo Hoquei Clube das Taipas.

Taça de Honra de 1958 — Sêniores — Inscreveram-se nesta prova os clubes acima mencionados. O Regulamento e respectivo Calendário de jogos elaborados e aprovados na reunião de delegados de 12 do corrente, seguem anexos à presente circular.

Licenciamento de Patinadores — Insiste-se na conveniência que têm os clubes em licenciar com tempo os seus atletas sêniores e júniores, com vista às provas oficiais e particulares a realizar conforme se comunicou na nossa circular n.º 1/58. Chama-se a atenção dos clubes para a circular n.º 5/58 da F. P. P. no que se refere às habilitações exigidas para a prática de competições desportivas.

Transferências — Por despacho de 3 do corrente, do Ex.º Director-Geral dos Desportos, foi deferido o pedido de transferência do patinador sénior Romeu Fernandes Martins de Sousa, do

(Continua na página 4)

Calendário da Taça de Honra do Minho, de 1958

1.ª Jornada (dia 10/5)

T. H. Clube Taipas — Clube D. da TEBE
Oquei C. Barcelos — S. Clube Vianense
Famalicense A. C. — Acad. de Braga

2.ª Jornada (dia 17/5)

Acad. de Braga — T. H. Clube Taipas
Clube D. da TEBE — Oquei C. Barcelos
S. Clube Vianense — Famalicense A. C.

3.ª Jornada (dia 24/5)

Clube D. da TEBE — Acad. de Braga
T. H. Clube Taipas — S. Clube Vianense
Famalicense A. C. — Oquei C. Barcelos

4.ª Jornada (dia 31/5)

Oquei C. Barcelos — T. H. Clube Taipas
S. Clube Vianense — Acad. de Braga
Famalicense A. C. — Clube D. da TEBE

5.ª Jornada (dia 7/6)

Acad. de Braga — Oquei C. Barcelos
Clube D. da TEBE — S. Clube Vianense
T. H. Clube Taipas — Famalicense A. C.

Realização do Famalicense Atlético Clube. Jogos no Rink do FAC, com início às 21,30 horas.

Plano da formação Social e Corporativa

Comissão Distrital de Braga

Colóquio de Direito Corporativo e do Trabalho

A Associação Jurídica de Braga deliberou promover nos dias 11, 12 e 13 de Julho próximo, nesta cidade, um Colóquio de Direito Corporativo e do Trabalho.

Esta iniciativa da prestante agremiação bracarense atende ao interesse que o Direito Corporativo e do Trabalho (substantivo e processual) desperta na vida nacional tem carácter puramente jurídico.

Vão ser convidados todos os juristas e estudiosos portugueses a apresentarem comunicações.

A "Scientia Iuridica", órgão da Associação Jurídica de Braga, publicará as teses apresentadas em número especial.

O Colóquio de Direito Corporativo e do Trabalho coincide com o 25.º aniversário da promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional.

III Concurso de Montras promovido pelo Grémio do C. de Barcelos

O Grémio do Comércio de Barcelos leva a efeito, nos dias 27 a 30 do mês corrente, naquela cidade, o III Concurso de Montras subordinado ao tema "Salazar, trinta anos no Governo da Nação".

Ao concurso podem concorrer todos os comerciantes inscritos naquele Organismo e todos que o desejem desde que manifestem esse desejo à direcção.

Serão atribuídos três prémios no valor de 1.000\$00, 600\$00 e 400\$00, respectivamente, podendo o júri atribuir também três menções honrosas. Aos concorrentes premiados será entregue um diploma comemorativo do concurso.

O júri é constituído pelas seguintes individualidades: escultor Ramiro Moreira de Castro Pereira, director da Escola Industrial e Comercial, de Joaquim Gonçalves Pais de Vilas Boas, presidente do Grémio da Lavoura e Artur Vieira de Sousa Basto, presidente do Grémio do Comércio promotor do concurso.

Sindicato Nacional da Panificação

Realizou-se últimamente a Assembleia Geral ordinária do Sindicato Nacional dos Empregados e Operários da Indústria de Panificação do Distrito de Braga, com sede nesta cidade, para apreciação, discussão e aprovação do relatório e das contas do ano de 1957, que foram aprovadas por unanimidade.

A Assembleia Geral, que decorreu no meio do maior interesse, ocupou-se também dos problemas sindicais e sociais mais importantes.

Pelo presidente da Assembleia Geral deste Organismo foi conferida posse aos novos Corpos Gerentes durante uma cerimónia que se efectuou na sua sede.

O Sindicato da Panificação está a diligenciar pela actualização e aperfeiçoamento do contrato colectivo de trabalho que regula e disciplina o exercício das profissões que representa.

Nesse sentido têm-se levado a efeito reuniões preparatórias com a participação de funcionários superiores do I. N. T. P. e com representantes do Grémio dos Industriais de Panificação da cidade do Porto.

Casa do Povo de Apúlia (Esposende)

Reuniu-se a Assembleia Geral desta Casa do Povo para apreciar, discutir e aprovar o relatório e as contas de 1957.

O presidente da Direcção fez circunstanciada análise da vida do Organismo.

Estão a ser convenientemente mobilados o salão, o gabinete da Direcção, a secretaria e o consultório médico, no que se dispendeu cerca de 12 contos.

A Junta Central das Casas do Povo participou as despesas.

A Delegação de Braga da F. N. A. T. efectuou, no excelente salão de festas da sede, uma sessão de cinema que despertou enorme interesse nos associados. Estas sessões de cinema são gratuitas.

A Casa do Povo distribuiu, no ano findo, subsídios do montante de 20.878\$20 — doença, morte, invalidez, nascimentos e medicamentos.

O Grupo desportivo (secção de futebol) continua em franca actividade, tendo realizado nos últimos domingos encontros com outras colectividades.

O "Rancho de Sargaceiros da Casa do Povo de Apúlia", que disfruta de lugar de relevo entre os grupos folclóricos nacionais, foi convidado a actuar em Lisboa e em Aveiro nos meses de Junho e de Julho próximos.

Casa do Povo de Areias (Barcelos)

Foram empossados os novos corpos gerentes que vão servir no triénio de 1958-1960.

A direcção desta Casa do Povo levou a efeito inquéritos e diligências com o objectivo de criar os cursos complementares de aprendizagem agrícola previstos no decreto-lei n.º 41 381, de 21 de Novembro de 1957.

Verificou-se, porém, que na área do Organismo não há candidatos em número suficiente.

USE MALHAS

TEBE

Secção Desportiva

(Continuação da página 3)

ADMITE-SE FALHAR O PENALTIE?

o espanhol Nadal. Só atletas excepcionais poderiam, hoje em dia, cumprir satisfatoriamente, aplicando esse sistema, dada a maior "cerebralidade" — chamemos-lhe assim — do jogo de hoje; ou sofria penalties em série ou, na pior hipótese, golos sucessivos. Ora, quem já viu defender o Matos, ou o espanhol Zabalia, o maior guarda da actualidade, ou ainda o italiano Bólis, decerto reparou que esses saltos, que aliás constituem o deleite da maioria dos assistentes, são reduzidos a um mínimo essencial; a base da sua maneira de defender está na colocação, na calma e na atenção.

Estão os estimados leitores a ver — mesmo sem televisão... — que, com um guarda-redes parado, bem colocado e utilizando, inteligentemente, as mãos e o stick, é muito difícil meter um penalty, dado o pouco espaço que sobeja para a bola passar. Mas para os que realmente não estão a ver, aí vai uma invasão de números, tipo estatística, que os convencerá, a bem... ou a mal...

A baliza mede 1,25 mts. de comprimento e 92 centímetros de altura, logo e, segundo aquelas regras mais elementares de geometria, tem cerca de 1 metro quadrado de área frontal, por onde pode entrar a bola, não estando lá o guarda-redes. Ora bem: este mede, em média, 80 centímetros de largura, quando na posição de defesa ideal, e quase 90 centímetros de altura, o que lhe permite tapar, parado, uma superfície de perto de 70 decímetros quadrados. Ora se a frente da baliza tem 1 metro quadrado de área e o guarda-redes tapa 70 decímetros quadrados, sobram, a descoberto 30 decímetros quadrados... (Isto é que é erudição...!) Mas ainda não ficam por aqui os cálculos. Já se vê que o guarda pode, com um ligeiro movimento de braços tapar ainda mais "qualquer coisa". Ora segundo os nossos cálculos aproximados, esse "qualquer coisa" são 7 decímetros quadrados de cada lado ou sejam, ao todo, 14 decímetros quadrados. Estão a ver que temos de subtrair ainda estes 14 decímetros quadrados aos tais 30 que eram os que ficavam por tapar. Portanto, em última análise, sobram 16 decímetros quadrados. (Com estes decímetros todos, tenho a impressão que já deve haver quem se tenha desorientado).

Está agora bem claro porque se falham tantos penalties; de 1 metro quadrado de área que há para a bola entrar, só sobram 16 decímetros quadrados, desde

que o guarda-redes seja inteligente, o que vem a dar 1 por 6 do total.

Por outras palavras: matematicamente há uma possibilidade de meter golo por cada seis penalties marcados...

Compreenderam, ou não?

Isto realmente, hoje, meteu números a mais, mas quizesmos mostrar, o mais meticulosamente possível, que é falsa a ideia de que falhar um penalty é um erro imperdoável.

Claro, que partimos do princípio que o remate parte sem certeza de objectivo, o que em boa verdade, não é bem assim, mas o fundamental ficou dito: *Se se falham actualmente mais penalties, é porque a técnica de defesa dos guardas-redes progrediu nitidamente a par com o aparecimento de maiores elementos de protecção, como a máscara, o acolchoamento para o peito, coteveleiras, etc.*

E pronto. Para o próximo mês focaremos o outro aspecto, se Deus quizer. Se se joga hoje mais ou menos do que no tempo dos Emídios e dos Correias...

*

Associação de P. do Minho

(Continuação da página 3)

Sporting Clube de Braga, para o Académico Basket Club (devendo regressar ao seu antigo clube caso retome a actividade dentro de 3 anos).

— Por despacho de 8 do corrente do Ex.º Director-Geral dos Desportos, foi deferido o pedido de transferência do patinador sénior Fernando Jorge Maia de Carvalho, do Clube Desportivo da Póvoa para o Académico Basket Clube.

Homenagem a António Raio — Informa-se que foi enviada uma salva em nome da Associação e de todos os clubes do Minho, ao atleta homenageado, em 15 do corrente.

A Fangueira

«O Fangueiro», dirigido pelo nosso particular amigo e insigne Artista António Carlos, iniciou, na vida de Fão, a trajectória da divulgação de uma das mais belas praias de Portugal e, ao mesmo tempo, estabeleceu um elo de contactos com todos os fangueiros distantes.

Ao querido colega os nossos melhores votos de longa vida.

Transcrição

O artigo que publicamos na página 6, com o título «Interpretação e Ortodoxia na Filosofia Medieval», foi transcrito, com a devida vénia, de «Vértice».

Aniversários Louças de Barcelos

Secção dirigida por Carlos Quinta e Costa

Fazem anos no corrente mês os nossos seguintes companheiros:

DIA 1 — Ana Ferreira Pedras e António Alvaro G. Terroso.

DIA 2 — João Dias de Figueiredo.

DIA 3 — Licínio Valdemar C. Ferra Esteves, Ana Lopes de Sousa, Palmira da Silva Barros e Maria José B. Nascimento.

DIA 4 — Perpétua Fernandes de Campos, Aparício Miranda Pereira e Maria Cândida S. Gonçalves.

DIA 5 — Maria Celeste P. Lopes Anjo e Rodrigo Martins Garrido.

DIA 6 — Rosa de Carvalho Fernandes.

DIA 7 — José Pires Bigote e Rosa Lopes Vilas Boas.

DIA 8 — Ermelinda Ferreira Cardoso.

DIA 9 — Rogério Alberto Pereira Esteves e Maria da Conceição C. Lopes.

DIA 10 — Maria Antónia dos Santos Pereira, Manuel Cândido Cunha Figueiredo, Júlia Augusta Paixão, Maria Fernandes Perestrelo e Arminda Ferreira de Carvalho.

DIA 11 — António Maria Veríssimo e Maria José Miranda.

DIA 12 — Maria da Conceição C. Costa e Domingos Augusto F. Dantas.

DIA 13 — José Teixeira Vilas Boas, Margarida Alda Casanova, Filomena da Glória C. Calheiros e António Oliveira da Silva.

DIA 14 — Alvaro Terroso, Maria do Céu M. Vieira, Maria Augusta da S. Dias, Laura de Oliveira Dias e Iria da Glória T. dos Santos.

DIA 15 — Maria do Carmo Gomes Areias.

DIA 16 — Maria do Carmo R. dos Santos.

DIA 18 — Eva Augusta Dias Pimenta.

DIA 19 — Carolina Fernandes Coelho.

DIA 20 — Carlos Gonçalves Pereira e Maria Luísa Teixeira de Miranda.

DIA 24 — Carolina Alice C. Gomes, Teotónio Marinho de Lima e Teotónio Lemos R. da Silva.

DIA 25 — Maria Lucília Vieira Dias e Rosa Marques Salgado.

DIA 26 — José da Silva Freitas, Maria Satalina S. A. da Costa e Aurora de Magalhães Leite.

DIA 27 — Catarina de Jesus Freitas, Maria do Carmo Martins Gomes e Manuel Fache da Costa.

DIA 28 — Manuel Martins Pires Lavado.

DIA 29 — Maria Helena Gonçalves da Silva e Eduardo Ribeiro de Sousa.

DIA 30 — Maria Manuela D. Vieira e Valdemar Rodrigo Lopes Machado.

A todos, os nossos sinceros parabéns.

(Continuação da página 2)

O seu barro bem cuidado e preparado, o trabalho de olaria e torno cheios de perícia, enfeites ingénuos mas graciosos na sua cor rosa-tejolo micáceo. Estas louças tinham distinção.

Ainda hoje se fabricam, mas estão em franca decadência. Tem perdido vulgaridade o seu uso, substituídas pelas garrafas e canecas de vidro, mais

um dos seus rebentos mais promissores: a filosofia empírica que informou a obra de D. João de Castro ou Duarte Pacheco Pereira, como já foi revelado por António Sérgio. O endurecimento tornou-se notório sobretudo após a cerrada campanha contra os professores bordaleses que D. João III protegera ainda em tempo duma política favorável à coexistência do humanismo herético⁽²⁾. Daí em diante triunfa a linha ideológica que menos condições oferecia à floração científica que morre com Pedro Nunes.

Colhe o exemplo um fruto espinhoso. Atentas as paixões que se desencadeiam, mal iremos se não situarmos o pensamento no condicionalismo que o determina. Avançou o espírito crítico a tal ponto que é absurdo admitir uma só interpretação. Em Portugal, o tímido afloramento duma problemática aberta a visão independente não deixa ainda de constituir sintoma de inquietação.

Certos estamos de que a via fecunda, superiormente dirigida para lúcida síntese, só é trilhável com o passo tranquilo da investigação. E a tal ponto que, logo de início, reconhecemos o valor do trabalho efectuado à custa de paciente esforço pelos investigadores eruditos. Sublinhou-o exemplarmente Marc Bloch: a história aceita um só compromisso — a investigação⁽³⁾.

Mas tal dizer não implica menor exigência no juízo interpretativo, nem passar em branco sobre a desejada e necessária superação do elogio histórico da cultura inspirada pelo sentimento religioso ou da pequena exposição factícia em que a passividade do investigador anula o sopro vivo das ideias. E é infelizmente isto que abunda nos estudos medievais.

Isto e a singular monotonia que nos envolve e que resulta da falta de choque de opiniões livres e divergentes critérios de investigação — única base possível, como pensava Sampaio Bruno, de onde rompe a verdade...

(1) O Brasil Mental.

(2) «História da Cultura em Portugal», por António José Saraiva, vol. 2.º

(3) «Métier d'historien», Marc Bloch.

barato, mas muito longe de conservar a água fresca e saborosa como o nosso barro. Mas é pena que o pouco que se fabrica não seja com a perfeição que tinham.

Os nossos hidroceramistas precisam de cobrar entusiasmo para fazer mais e melhor porque o podem e devem fazer. Com os ensinamentos que lhes vieram dos seus antecessores e os mais que a prática lhes deve ter ensinado, eles devem dar-nos trabalhos muitíssimo melhores. O que por aí vemos não pode, de maneira alguma, satisfazer-nos. Não nos digam que se não vendem, porque também no-los não amostram nas suas fábricas.

A indústria destas louças ainda hoje pode e deve ser próspera se o fabrico corresponder. Há que actualizar-se criando novos modelos mais práticos e de linhas modernas e cuidar melhor da preparação do barro.

Se aos actuais nossos hidroceramistas amostrássemos peças da sua especialidade fabricadas há 30 anos, e até há 60 anos, ficariam a esfregar os olhos, no receio de estarem a sonhar! Trabalhos finos bem proporcionados e contornos muito bem delineados, linhas e filetes e conteiras bem aplicadas. Enfeitos em relevo, com aplicação de musgo, pedras brancas, granitados, etc. Eram trabalhos de valor e apreço sempre disputados pelas pessoas de bom gosto e dinheiro.

É preciso espevitar estes nossos artistas porque eles têm possibilidades de fazer mais e melhor, para que estas louças reconquistem a posição e consideração que tinham no País.

M.

Interpretação e Ortodoxia na Filosofia Medieval

(Continuação da página 6)

Mais atentos às modas literarizantes e sempre permeáveis à facilidade que pela actividade divulgadora ou pedagógica oriunda do estrangeiro se promove, os estudiosos portugueses raramente atingem o âmago da filosofia.

Condições adversas que a ortodoxia por vezes ilude, têm constituído sério impeditivo à concentração de esforços e à polarização de iniciativas em volta de personalidades com inegável talento e dons criadores.

Vem assim a história juntando exemplos numa imperturbável carreira de frustrações. Razão tinha, sem dúvida, Sampaio Bruno em dizer «que pelo atalho por que se vai pode muito bem perder-se o espírito. Perder-se pela estéril charneca da ortodoxia»⁽¹⁾.

Esta estéril charneca pode muito bem inibir-nos de abrir vasto horizonte à interpretação do nosso pensamento medieval e

seus directos sucedâneos que acharam expressão mais rigorosa na escolástica contra-reformistas dos nossos séculos XVI e XVII.

Deste modo se afigura pouco avisado fazer suposições com valor judicativo definitivo sobre a produção filosófica que antecede a reforma pombalina sem aquela preliminar recolha de dados que prepare o campo visual de uma história da filosofia portuguesa. Tudo quanto em rigor sabemos sobre tão discutido período ou assenta na polémica iluminista ou nas encomiásticas referências dos que alinham na ortodoxia. E entre os ortodoxos actuais temos de nos precaver daqueles, que, numa atitude incrítica, de todo desconhecem os textos por traduzir ou publicar.

Talvez não seja inútil recordar que, em consequência de uma acanhada visão ortodoxa, vimos, em meados do século XVI, a cultura nacional amputada de

Distinção honrosa

O nosso grande amigo e camarada Alberto Leal, que há mais de seis lustros, foi Director do jornal portuense «Comércio e Indústria», e, que colaborou em inúmeros jornais e revistas, tendo sido sócio fundador do Sindicato da Pequena Imprensa e Imprensa Regional, de Lisboa, Sócio da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, e, Assistente Cultural dos Amigos de D. António Barroso, foi admitido sócio da Sociedade de Língua Portuguesa, de Lisboa.

Ao nosso amigo Alberto Leal, camarada da velha guarda, apresentamos os nossos sinceros parabéns, com os nossos também sinceros desejos, de muitas felicidades jornalísticas.

Visado pela Censura



Interpretação e Ortodoxia na Filosofia Medieval

Por ALBERTO FERREIRA

NÃO deve haver secção da história da filosofia mais susceptível de controversão ou objecto de apaixonado juízo do que a medieval. E a razão, como é fácil ver, reside no seu carácter declaradamente teólogo e na sua ideologia demasiado comprometida na terrestre ambição da espiritualidade católica.

Supôs-se, durante certo tempo, que o método positivo, rigorosamente orientado sobre a traça dos textos e só destes sacando conclusões doutrinárias comportáveis com o que lá se via escrito, seria garantia necessária e suficiente de autenticidade interpretativa. Criou-se, assim, uma dogmática pseudo-objectiva de recorte erudito mas sem poder evocativo nem relação ideológica conseqüente.

Em nossos dias, cada vez mais se exige da metodologia um sistema de referências exteriores aos textos. A par da verdade histórica que o texto é susceptível de conter, o talento pessoal do intérprete e a lucidez do seu método de investigação são as condições fundamentais da hermenêutica autêntica.

O mais perigoso nos métodos tradicionais é, como se sabe, a montagem tendenciosa de textos. Exemplo flagrante desta orientação é a *unidade* promovida no corpo do pensamento medieval por um dos grandes historiadores da história filosófica do Ocidente: Etienne Gilson. Sob uma aparente didáctica sem apologia, o conhecido escritor neotomista reduz a simples desabafo, sem vigor nem significado ideológico, as vozes discordantes dos heterodoxos medievais. E por pouco faz sair totalmente do acervo escolástico, como seu lídimo continuador, o humanismo que mais o negou e a ele vigorosamente se opôs.

Tal erro desvirtuador — e não fecundo erro, como poderia ser — nasce desde logo porque se pôs à cabeça da investigação uma tese que se deseja demonstrar vitoriosamente. A interpretação resulta assim numa guerra da ortodoxia contra o que se revela como herético ou contrário

à regra estabelecida pelos concílios de todos os tempos.

O problema pois da hermenêutica medieval consiste na dificuldade em fugir ao partidatismo ideológico. A luta pela objectividade requer, no caso, um regresso à história política e social e seu confronto com os textos filosóficos.

Tanto quanto é possível sintetizar correntes de interpretação, pode dizer-se que têm dominado duas tendências: a que minimiza o pensar medieval ao ponto de o reduzir a estranha vacuidade, e a que se coloca num ponto de vista apologético, supondo na filosofia dessa época uma tranquila perenidade em que as soluções modernas estão implícitas para sempre.

Resolver tal antinomia de pontos de vista, sobretudo no caso nacional, supõe a superação de problemas prementes. Impõe-se desde já a criação de um sereno ambiente propício à reflexão e estudo e o abrir de possibilidades técnicas de investigação de que andamos todos muito afastados.

A falta de latinistas e investigadores eruditos de formação laica tem atrasado o esforço de reintegração de textos fundamentais. Sem pretender subestimar a capacidade interpretativa dos estudiosos bracarenses e de outros investigadores católicos, como seja o Dr. Mário Martins S. J., já com trabalhos relevantes publicados, parece-nos, no entanto, urgente, propiciar o desenvolvimento de outras perspectivas metodológicas e abrir as vias de acesso à leitura dos textos latinos e colecções das bibliotecas e arquivos públicos e privados.

Até aqui a interpretação dos textos medievais tem enfermado de pronunciada vocação erudita que, distorcendo o método, reduz o âmbito filosófico à ortodoxia. Pode, em certa medida, afirmar-se que esta ortodoxia interpretativa não constitui, em si mesma, sério impedimento à floração dos estudos medievalistas. Mas a carência de correntes diversas, de ensaios de hermenêutica inspirados fora da espiritualidade religiosa, de crítica enfim baseada

FERREIRA DE CASTRO UM ESCRITOR VERDADEIRO

Por ANTÓNIO BAPTISTA

EM Ferreira de Castro, na sua vida e na sua obra, persiste um temperamento vivo, característico, inconfundível, que marca, de década em década, um poder excepcional de construir, de realizar, de se transmitir.

Na sua inteireza, indomável e grandiosa, a obra de Ferreira de Castro, plena de prospeção, mostra-nos, sem fingimentos, sem constrangimentos, a nossa própria essencialidade no prolongamento humano e social da vida e do mundo que nos rodeia.

A temática de Ferreira de Castro é simplicidade. Mas simplicidade — diga-se de passagem — não quer dizer limitação de efeitos ou de contornos; mas tão somente simplicidade de linguagem, limpidez de estilo, num afluente exuberante de cenários que aumentam e avolumam num enquadramento de excepcional poder acumulativo.

Temos de encarar a obra literária como um «ser vivo» que fale, que ande, que se ligue a nós e em nós persista numa ressonância universalista.

A Selva, de Ferreira de Castro, traduz para muitos leitores um elemento especulativo sem grande equilíbrio intelectual. Para outros, a Selva, não é uma obra profunda. Porém, a Selva, é, sem favor, uma das mais significativas da génese criadora deste escritor.

É uma das obras em que o cenário é filho do próprio ambiente vivido, cheio de contrastes violentos, empolgantes por vezes; mas sempre humanos.

em postulados livres de intenção apologética, facilita ou induz o desenvolvimento dos estudos de filosofia medieval em vaso fechado.

Se é certo que o internacionalismo da cultura medieval permitirá, até certo ponto, tirar conclusões aplicáveis ao caso na-

Em Emigrantes, Ferreira de Castro, alcandora-se a uma plenitude filosófica robustecida por uma vivência profundamente psicológica.

E tudo mais que nos surge da inteligência caldeada de Ferreira de Castro é o prolongamento vivo e humano da sua crença num mundo de melhor e maior compreensão.

Os problemas filosóficos e sociais encontraram nele um condutor apreciável e inconfundível, porque em *Curva da Estrada* e em *Eternidade* a sua frase tem uma luminosidade poética, sublime, que se harmoniza com as «perspectivas do colectivo e a interiorização subjectiva, a amargura do céptico e a calma serenidade do pensador.»

Emigrantes, A Selva, Terra Fria, A Eternidade, a Lã e a Neve, A Curva da Estrada, A Missão, formam um cenário magnífico no esbatido equilibrado da equidade, neste período da história tão arrejado do amor e do perdão.

O social e o humano permanecem límpidos com a sua mensagem que veio do seu eu, certamente plasmada por uma vida de privações.

É ele mesmo que fala assim em o Vão nas Trevas:

«Todos os meus personagens andaram alguns dias comigo.»

Daqui se conclui que a obra de Ferreira de Castro se fortaleceu e transcendeu mercê de uma experiência vivida na amargura e na privação.

A sua obra é a vida do mundo e o seu perfil de escritor há-de viver através desse mesmo mundo pelo indiscutível valor da sua capacidade de análise e poder descritivo.

cional, sem recorrer apenas aos textos produzidos em território português, a verdade exige que tais textos sejam estudados a fundo. Isso não será possível enquanto se não criarem condições financeiras e humanas. O problema pede intervenção decisiva do Estado.

(Continua na página 5)